



ISSN: 1983-8379

As representações do sagrado em “Meu novo olhar” de Murilo Mendes

Edson Munck Junior¹

RESUMO: Em *Tempo e eternidade*, publicado em 1935, Murilo Mendes explora, na dimensão poética, a experiência religiosa. Sendo o livro notadamente reconhecido pelo caráter confessional que assume, “Meu novo olhar” se configura um poema-síntese do *modus vivendi* que norteia o poeta após sua experiência de conversão à fé cristã. Assim, a proposta deste trabalho é analisar as formas de organização do discurso poético muriliano, no texto em questão, com vistas a reflexões acerca das representações que o poeta construiu do sagrado.

Palavras-chave: Murilo Mendes; Poesia; Sagrado.

ABSTRACT: With *Tempo e eternidade*, published on 1935, Murilo Mendes explores religious experience within poetry dimension. This book is known for its confessional nature and “Meu novo olhar” could be identified as a synthesis-poem because it represents the new *modus vivendi* which guides the poet after his experience of conversion to Christian faith. Therefore, the present paper aims to analyze how the writer organized his poetic discourse in this text in order to consider the sacred representations made by him.

Key-words: Murilo Mendes; Poetry; Sacred.

Uma coisa é ter visões, outra coisa é ver.
Murilo Mendes

Os olhos não se fartam de ver.
Eclesiastes 1.8

Introdução

A conversão da experiência religiosa em linguagem desafia o homem desde suas origens, seja pelo aspecto mítico dessa vivência que, recorrentemente, provoca e/ou pede uma nova forma de narratividade, seja pela abrangência subjetiva desses relatos que, naturalmente, parecerão inconsistentes e insuficientes para os outros e, também, para o próprio sujeito após o cessar do potencial significativo que aquela representação primeira do sagrado possuía.

É no embate entre o sagrado e o profano que o *religare* se manifesta. A vivência e a observação humanas desses contatos e contrastes sacro-seculares geram uma série de interpretações que, por conseguinte, converge em diferentes e diversos ritos e expressões de discurso religioso. Essa força discursiva inerente ao sagrado ou a fraqueza discursiva humana

¹ Mestrando do PPG Letras: Estudos Literários, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Fábio Fiorese Furtado.



ISSN: 1983-8379

sobre essa questão leva o homem a valer-se de seus encontros com o transcendente, refletindo sobre ele, transformando-o em texto.

A literatura, do ponto de vista histórico, contém exemplos múltiplos dessa tentativa do homem de se aproximar do sagrado, capturá-lo nos limites da palavra, pretendendo comunicar ou, pelo menos, expressar nuances significativos desse contato entre o sacro e o secular. Os livros sagrados, por exemplo, são compilações que adquiriram – e, para os fiéis, possuem – o *status* de portadores de mensagem divina com potencial transformador para a vida do homem e da sociedade. Em última instância, nos termos McLuhanianos, o próprio meio vira a mensagem, sendo o livro, como objeto, transformado em elemento sacro. Da antiguidade clássica à contemporaneidade, é possível encontrar obras que, de um modo ou de outro, lidarão com as relações do homem e do sagrado, reelaborando as representações que dele são feitas ou investigando aquelas que ainda estão por fazer-se.

O sagrado e a poesia: a tentativa de escrita do *relegare*

Em *O homem e o sagrado*, Roger Caillois afirma que “o sagrado é sempre mais ou menos aquilo de que não nos aproximamos sem morrer” (CAILLOIS, 1988, p.21). Caracterizado por não se deixar domar, por não se permitir diluir ou fracionar, o sagrado é desafiador para aqueles que dele se aproximam. Por isso, em sua radicalidade de tudo ou nada, consome o próprio homem para que, dessa ação, venha a narrativa sobre o sacro e, por conseguinte, sua perpetuação. Em outras palavras, é preciso “abandonar o humano antes de ter acesso ao divino” e esse abandono ocorre mediante “práticas negativas, abstenções” (*Ibidem*, p.38). O confronto entre o profano e o sagrado, e vice-versa, forma a concepção religiosa do mundo que há tanto tempo marca as sociedades humanas.

Quando o observador moderno Murilo Mendes se propõe, poeticamente, trabalhar as mudanças e os efeitos que a experiência religiosa lhe proporcionaram, ele empreende uma tarefa que resulta naquilo que T. S. Eliot definiu como emoção impessoal da arte², ampliando

² “A poesia não é uma liberação da emoção, mas uma fuga da emoção; não é a expressão da personalidade, mas uma fuga da personalidade. [...] A emoção da arte é impessoal”. ELIOT, T. S. Tradição e talento individual. In: _____. *Ensaio*. São Paulo: Arte Editora, 1989. p.47-48.



ISSN: 1983-8379

o testemunho da experiência pessoal para os seus leitores, isento da marca do discurso proselitista.³ A construção de uma poética que pretenda revelar aspectos do sagrado tende a se caracterizar por textualizar esses limites que a experiência religiosa enfrenta no embate essencial de sua própria definição (profano *versus* sagrado). Se o poeta quer partilhar o contato que teve com o sacro, tenderá a trazer para o leitor fragmentos dessa experiência, uma vez que a própria vivência de encontrar-se com o sagrado retira do sujeito as referências possíveis e convencionais de expressão. Algo fica não-expresso nos limites entre a linguagem profana, que pertence ao autor, e da plenitude de significados intraduzíveis e intransponíveis, que são próprios do sagrado.

Ao evocar imagens referentes à realidade sacra, o poeta (re)utiliza testemunhos comunicados e assimilados desse contato humano com o universo do sagrado. Para Alfredo Bosi, a imagem se caracteriza por ser “um modo da presença que tende a suprir o contato direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós” (BOSI, 1977, p.19). Portanto, as imagens na poética do sagrado são um recurso altamente produtivo, pois elas permitem esse lidar a distância com o tema que, por definição, impede qualquer aproximação sem causar a morte – conforme esclarece a voz de Roger Caillois na abertura desta reflexão – ou, literariamente, a ausência de expressão por parte de um sujeito que, a partir do sagrado, queira produzir sua obra. Debatendo sobre a imagem e pensando nas questões religiosas que a rondam, Bosi argumenta que as religiões “que vetaram a representação ‘direta’ do sagrado, de Israel ao Islã, dos iconoclastas de Bizâncio aos calvinistas de Genebra, sabiam o que temiam ao mover guerra a toda imagem de culto” (BOSI, 1977, p.20). Conservar uma representação do sagrado corresponderia a uma apropriação “de algo que nos deve transcender”.

Ao mesmo tempo em que os postulados de Bosi sobre a imagem ratificam essa possibilidade de aproximação do sagrado em segurança, sem correr riscos, o fato de a existência do objeto persistir no sujeito, pela imagem, merece ser analisado. Essa persistência – ou *per*-existência, se considerada a acepção do prefixo *per*, significando aquilo que existe

³ José Guilherme Merquior (1990) identifica a excelência da poética religiosa de Murilo Mendes, justamente, pelo fato de esta não se concentrar em uma tarefa propagandista. Para o crítico, o que interessa na obra do poeta é a problematização da religiosidade.



ISSN: 1983-8379

no entorno, aquilo que perpassa, que envolve – no indivíduo seria portadora de algum resquício do sagrado-mortificador? “O objeto dá-se, aparece, abre-se (latim: *apparet*) à visão, entrega-se a nós enquanto *aparência*: esta é a imago primordial que temos dele. Em seguida, com a reprodução da aparência, esta se *parece* com o que nos apareceu.” (*Ibidem*, p.20)

Textualizar a experiência com o sagrado ou mesmo suas manifestações é, inegavelmente, tomar contato com algo que coloca a língua em seu extremo, posto que extrapola os níveis de referencialidade exigidos pela linguagem humana. Dessa forma, quando a poesia se envolve com a tarefa de tratar do sagrado, o poeta visita o de-fora⁴, aquilo que não pertence à realidade do definível, do dizível. E, na elaboração de sua poesia que quer tangenciar o sacro, vale-se da profana estratégia de revelar pelas brechas linguísticas os limites desse encontro que, agora, não mais é exclusivo dele, antes se torna partilhável no exercício da *poiesis*.

O poeta e o sagrado: a conversão do verso

“Não nasci no começo deste século: / Nasci no plano do eterno”. É assim que a “Vocação do poeta” (MENDES, 1994, p. 248-249) se declara. Nesse poema, Murilo Mendes desenvolverá uma série de oposições que marcam, nos termos de Caillois, a concepção religiosa do homem. Opondo bem/mal, conhecer/separar, amar/desamar, grandes/pequenos, construir/destruir, experimentar/reprimir, tempo/eternidade, patrão/operário, o poeta elabora sua própria declaração de propósitos, afirmando sua missão de arauto da “palavra essencial de Jesus Cristo” (*Ibidem*, p.249). O poeta sabe, também, que a sua aproximação do sagrado deve ser feita de modo parcimonioso e, assim, afirma “Vim para conhecer Deus meu criador, pouco a pouco, / Pois se O visse de repente, sem preparo, morreria”. Parece que, nesses versos, Murilo Mendes percebe que precisava deglutir o sagrado e assimilá-lo gradativamente pelas experiências vividas, conjugando os tempos conflituosos do humano e do divino. E, nesses

⁴ “Uma linguagem levada ao extremo limite, elevada à potência do indizível, torna possível visões e audições libertas do empírico, visões e audições superiores, puras, capazes de ver o invisível e ouvir o inaudível” ((MACHADO, 2009, p.212).



ISSN: 1983-8379

encontros do homem com o divino e do divino com o homem, nasce no poeta o desejo de expressar o sagrado em seus versos.

A família de Murilo Mendes era formada por católicos praticantes. Contudo, a amizade com Ismael Nery, um católico essencialista, exerceu grande influência sobre o poeta. Em 6 de abril de 1934, Nery morre e isso marca profundamente Murilo que, conforme relata Pedro Nava (NAVA, 1989, p.315-319), experimenta uma conversão. A morte do amigo Ismael Nery provoca em Murilo Mendes uma crise religiosa que lhe devolveria um cristianismo das origens. Em *O círio perfeito*, Nava relata essa experiência com detalhes.

O terceiro fato ocorrido no velório de Ismael Nery e que ficou para sempre gravado na memória do Egon foi a conversão instantânea de Murilo Mendes (...) Eram seu tanto numerosos e tinham como figura central o Murilo Mendes. Mas não se ouviam nele, também, agudos de vozes. Todos como que cochichavam – abafados pela solenidade do momento. De repente uma fala começou a ser percebida. Parecia no princípio uma lamentação, depois um encadeado de frases tumultuando na excitação de uma palestra, que depois se elevou como numa discussão, subiu, cresceu, tomou conta do pátio feito um atroado de altercação e disputa, clamores como num discurso e gritos. Era o Murilo bradando no escuro. Era uma espécie de arenga, com fluxos de onda – ora recuando e baixando, ora avançando, subindo e enchendo a noite com seus reboos graves e seus ecos mais pontudos. Os do portão foram se aproximando numa curiosidade da roda estupefacta e calada em cujo centro um Murilo, pálido de espanto ou como de um alumbramento, gesticulava e se debatia como se estivesse atracado por sombras invisíveis. Só ele as via e aos anjos e arcanjos que anunciava pelos nomes indesvendáveis que têm no Peito do Eterno ocultos para todos os demais. E soltava um encadeado de frases que no princípio fora só um cício, que tomara corpo e dera naquele berreiro alucinado. [...]

Seus olhos agora cintilavam e dele todo desprendia-se a luminosidade do raio que o tocara. E não parava a catadupa de suas palavras todas altas e augustas como se ele estivesse envultado pelos profetas e pelas sibilas que estão misturados nos firmamentos da capela Sistina. [...] Falava dos anjos que estavam ali com ele – já não mais como as imagens poéticas que habitavam seus versos, mas dos que se incorporavam nele que recebia também na dele a alma do amigo morto. Finalmente clamou mais alto – DEUS! – e com a mão direita fechada castigou o próprio peito e mais duramente o coração. Não – pensava Egon – não é o caso para gardenal. O José Martinho está errado. O Murilo não está *nervoso*. O negócio é mais complexo... O que ele está é sendo arrebatado num êxtase e o que estou vendo é o que viram os acompanhantes da estrada de Damasco quando Saulo rolou do cavalo e foi fulminado pela luz suprema. É isto. Existia ou não essa luz e esse fogo – neles ou na sua impressão que o Murilo acabou de encadear-se. Está se queimando todo nas chamas que descem como lavas do Coração paramonte de Jesus Cristo Nosso Senhor. Quando subitamente calou-se, o poeta retomou o velório do amigo – sério como Moisés descendo do Sinai, e foi assim e sem dizer palavra mais que ele acompanhou o corpo ao cemitério. Deste saiu sozinho e foi direto procurar os monges nas catacumbas do Mosteiro de São Bento. Quando três dias depois ressurgiu para os homens, tinha deixado de ser o antigo iconoclasta, o homem desvairado, o poeta do poema piada e o sectário de Marx e Lenine. Estava



ISSN: 1983-8379

transformado no ser ponderoso, cheio de uma serenidade de pedra e no católico apostólico romano que seria até o fim de sua vida. Descrevera volta de cento e oitenta graus. Sua poesia tornara-se mais pura e trazia a mensagem secreta da face invisível dos satélites.⁵

O encontro com o sagrado, a experiência de conversão reflete-se na obra muriliana. O livro *Tempo e eternidade*, publicado em 1935 em parceria com Jorge de Lima, é dedicado à memória de Ismael Nery. Reunindo 36 poemas de Murilo Mendes e 45 de Jorge de Lima, divididos em primeira e segunda partes, a obra tem acentuada dicção religiosa. Nela, o poeta juizforano emprega marcas de oralidade, anáforas, paralelismo e termos relativos à Bíblia, por exemplo, que permitem relacionar o modo de construção dos textos a determinada influência do próprio texto bíblico sobre o texto poético que se elabora.

Mário de Andrade, em “A poesia em pânico” (ANDRADE, 1996, p.33), considera: “O que fixou MM, a meu ver foi a religião que ele herdou desse amigo tirânico que foi Ismael Néri.” Fábio de Souza Andrade, em seu artigo “Murilo Mendes e Jorge de Lima: Orfeu entre o tempo e a eternidade” (ANDRADE, 2002, p.98), diz que “Nery personificava o encontro improvável entre linhas de força estético-ideológicas aparentemente inconciliáveis: um surrealismo abrasileirado, um catolicismo heterodoxo e de renovada sensibilidade social, a herança modernista da ironia e da mescla estilística.” Da conciliação dessas linhas de força antagônicas surge uma poesia que rompe com a ordem totalizante e perversa das relações estabelecidas do dia-a-dia a fim de que, através dos “fiapos de realidade” (*Ibidem*, p.99), essa nascente poética encare as questões que perturbam o homem em seu tempo. Fábio de Souza Andrade identifica que Murilo Mendes estrutura um trabalho estético milenarista e escatológico, “voltado para a gênese e o apocalipse, conferindo ao poeta o papel de um demiurgo, criador de realidades autônomas.” (*Ibidem*, p.98)

Em 1978, José Guilherme Merquior publica “Notas para uma murilosopia”. Nesse ensaio, o crítico sintetiza suas impressões sobre a obra de Murilo Mendes, abarcando a experiência e poética religiosas. Para Merquior, a poesia muriliana é marcada pelo jogo entre apocalipse e carnaval, “revelação pela folia”, eros e tanatos, “prazer do aniquilamento” (MERQUIOR, 1994, p.13). Esse embate de contrários ou opostos pode ser compreendido

⁵ Conforme citado por Leila Barbosa e Marisa Rodrigues (2000, p.88-89)



ISSN: 1983-8379

como aquilo que Roger Caillois identificou como essencial para a concepção religiosa do mundo, qual seja, a distinção entre o sagrado e o profano. Assim, as expressões religiosas que se manifestariam na poética de Murilo Mendes estariam caracterizadas pelo “embrião momesco do discurso poético modernista”.

E é justamente esse caráter irreverente que desagradará Mário de Andrade (1994), levando-o a qualificar a atitude poética de Murilo Mendes como “de um raro mau gosto”, posto que “desmoraliza as imagens permanentes, veste de modas temporárias as verdades que se querem eternas, fixa anacronicamente numa região do tempo e do espaço do Catolicismo, que se quer universal por definição.” (ANDRADE, 1994, p.33-34) Essa falta de universalidade no catolicismo, para Mário de Andrade, é característica desagradável no poeta mineiro, podendo se tornar ameaçadora por conter “a seiva de perigosas heresias” (*Ibidem*, p.34). Em contrapartida, ao final do artigo crítico, Mário reconhece que as contradições vividas por Murilo foram a substância fundamental para a elaboração de uma poesia que colocasse “a arte em fuga e a poesia em pânico”, criando “um dos momentos mais belos da poesia contemporânea”, ou mais precisamente “o seu mais doloroso canto de amor” (*Ibidem*, p.34).

Murilo Mendes, em parceria com Jorge de Lima, tinha a intenção de “restaurar a poesia em Cristo” (ANDRADE, 2002, p.97). O poeta juizforano, motivado pela experiência no velório do amigo Nery, sugere em sua poesia “um catolicismo órfico, milenarista e escatológico, voltado para a gênese e o apocalipse” fato esse que confere “ao poeta o papel de um pequeno demiurgo, criador de realidades autônomas” (*Ibidem*, p.98). E a concepção religiosa muriliana deixa isso bem claro:

Digamos portanto que a religião é uma comunicação entre o homem e Deus. De resto, a origem etimológica da palavra *religare* mostra que no princípio o homem cultuava Deus interiormente; perdida pelo pecado original esta faculdade, foram necessárias normas religiosas – inspiradas pelo próprio Deus – para que o homem pudesse restaurar, religar tal faculdade. (O Discípulo de Emaús 593, p.874-875)

O cristianismo de Murilo Mendes cultivou, de acordo com José Guilherme Merquior (1994), três elementos: um sentido plástico da finitude; uma ideia heroica da divindade; e uma dupla concepção de poesia, a poesia como martírio e a poesia como agente messiânico. (p.14-

7



ISSN: 1983-8379

15) Com a publicação de *Tempo e eternidade*, nota-se a conversão do *sermo colloquialis*, marca das obras iniciais, em *sermo nobilis*. O verso assimila a dicção bíblica dos versículos e, mesmo assim, a poesia de Murilo continua se reinventando por manter-se incomodada e incomodante para com a questão religiosa. Nos termos de Merquior, o “eros cosmogônico” de Murilo Mendes se contrapõe às “teodiceias”, criando uma poética que lida com a religião sem se tornar carolística, mantendo-se inventiva. A poesia do “nosso primeiro lírico cristão verdadeiramente reflexivo” constitui-se “capaz de converter o *pathos* do numinoso em perspectiva de genuína problematização do estar-no-mundo humano”. (MERQUIOR, 1990, p.145).⁶ Portanto, a obra muriliana mostra uma submissão paradoxal ao sagrado que o aceita e o questiona simultânea e incessantemente.

O olhar em movimento

A literatura de Murilo Mendes é marcada pela vigência do olhar. Em suas memórias d’*A idade do serrote*, publicadas em 1968, o poeta demonstra episódios iniciais de deslumbramento pela imagem. A passagem do cometa Halley, em 1910, a escapada do Colégio Santa Rosa, em 1917, para ver um balé de Diaghilev, com Nijinski, são episódios em que o autor já anuncia a relevância do olhar para a constituição de sua vida e de sua poética.

Em *Tempo e eternidade*, o olhar também é moto da produção poética. O primeiro poema do livro, “Novíssimo Job”, já traz em seu verso inicial uma descrição explícita de atrelamento à visão: “– Eu fui criado à tua imagem e semelhança.” (MENDES, 1994, p.245) Os poemas que se seguem, “Graça” e “Natal”, não escapam dessa prevalência do olhar: “Desaba uma chuva de pedras, uma enxurrada de estátuas de ídolos / caindo, manequins descoloridos, figuras vermelhas se desencarnando / dos livros que encerram as ações dos humanos.[...]”; “[...] Uma criança dançando segura uma esfera azul com a cruz: / Vêm adorá-la brancos, pretos, portugueses, turcos, alemães, rus- / sos, chineses, banhistas, beatas,

⁶ Quanto à expressão de Merquior “o *pathos* do numinoso”, considere-se que Marcial Maçaneiro (2011) explicita o contraste existente entre “numen” e “nomen”. O primeiro seria a misteriosa presença do indizível; o segundo, a tentativa de dizer o indizível. Detalhando, o teórico complementa: “Na tensão entre *numen* e *nomen*, percebemos quem é Deus: mais que um Nome proferido, é uma Presença que sussurra; mais que um conceito assimilado, é um Sopro que inspira; mais que uma doutrina proclamada, é uma Face que se beija” (p.22).



ISSN: 1983-8379

cachorros e bandas de música. [...]” (*Ibidem*, p.246) Prevalece a provocação da visão nos poemas, marcando a importância que o olhar tem na produção do modernista juizforano.

Quanto à publicação, *Tempo e eternidade* sucede o livro *O Visionário*. A visão, portanto, parece ser um sentido que mobiliza o poeta e certamente o faz por conta da provocação e do estímulo visual que o mundo moderno impõe sobre os indivíduos. “Em Murilo, no entanto, toda a poética se dá por visionária, a audácia das aproximações insólitas, o choque do super-real, são muito mais ostensivos do que na discreta mineira reticência de Drummond” (MERQUIOR, 1990, p.137-138).

O quarto poema de *Tempo e eternidade* é “Meu novo olhar”, objeto de análise deste trabalho.

Meu novo olhar é o de quem já sabe
Que alegria e ventura não permanecem.
Meu novo olhar é o de quem desvendou os tempos futuros
E viu neles a separação entre os homens,
O filho contra o pai, a irmã contra o irmão, o esposo contra a esposa,
As igrejas dinamitadas, depois reconstruídas com maior fervor;
Meu novo olhar é o de quem penetra a massa
E sabe que, depois dela ter obtido pão e cinema,
Guerreará outra vez para não se entediar.
Meu novo olhar é o de quem observa um casal belo e forte
E sabe que, sozinhos, se amam os dois com nojo.
Meu novo olhar é o de quem lúcido vê a dançarina
Que, para conseguir um movimento gracioso da perna,
Durante anos sacrificou o resto do seu ser.
Meu novo olhar é o de quem adivinha na criança
O futuro doente, o louco, a órfã, a perdida.
Meu novo olhar é o de quem transpõe as musas de passagem
E não se detém mais nas ancas, nas nuças e nas coxas,
Mas se dilata à vista da musa bela e serena,
A que me conduzirá ao amor essencial.
Meu novo olhar é o de quem assistiu à paixão e morte do Amigo,
Poeta para toda a eternidade segundo a ordem de Jesus Cristo,
E aquele que mudou a direção do meu olhar;
E o de quem já vê se desenrolar sua própria paixão e morte,
Esperando a integração do próprio ser definitivo
Sob o olhar fixo e incompreensível de Deus.

Destaca-se a construção poética baseada na repetição do sintagma “Meu novo olhar é o de quem...” ao longo do poema. Essa redundância assegura, mediante o uso do pronome possessivo de primeira pessoa do singular, “meu”, o caráter individual do relato de conversão



ISSN: 1983-8379

do olhar que se apresenta ao leitor. O uso do adjetivo “novo” sugere a existência de um “velho” – ou “antigo” – que, nesse contraste, amplifica a relevância, para o eu lírico, da experiência de enxergar de forma nova. O uso do pronome relativo “quem” sugere a pessoalidade da experiência de se ter um novo olhar, ou seja, a plausibilidade de, na vida humana, experimentar aquilo que se relata como tão decisivo para o próprio poeta.

As reflexões de Mircea Eliade sobre o discurso e os atos religiosos e/ou sagrados, aplicadas à repetição que se evidencia no poema, podem ratificar a tentativa empreendida pelo eu lírico de captar o processo de contato com o sagrado ou mesmo de reconstruir a relação obtida outrora. Assim, insistir na forma “Meu novo olhar é o de quem...” constitui uma tentativa de superar a realidade do tempo profano e conduzir o sujeito ao tempo mítico do sagrado, preparando o (re)encontro com a realidade outra do divino.

[...] até o ponto em que um ato (ou um objeto) adquire uma determinada realidade, por intermédio da repetição de certos gestos paradigmáticos, e só assim consegue adquiri-la, verifica-se uma abolição implícita do tempo profano, da duração, da “história”; e aquele que reproduz o gesto exemplar vê-se desse modo transportado para a época mítica em que sua revelação teve lugar. [...] O restante de sua vida é passado em tempo profano, que carece de todo significado: na condição de “transformar-se”. (ELIADE, 1992, p.38-39)

Relembrando a narrativa sobre a conversão de Saulo, consegue-se perceber uma interessante correlação entre o texto bíblico e o poema muriliano em questão. Saulo fora aquele que perseguira os primeiros cristãos impiedosamente a serviço de Roma e vira a execução de Estevão, consentindo na morte do mártir.⁷ No caminho para Damasco, o perseguidor, que cavalgava para cumprir sua tarefa de algoz, percebeu que “uma luz do céu brilhou ao seu redor”.⁸ Esse encontro com o inexplicável fez com que Saulo caísse do cavalo e, prostrado em terra, ouvisse “Saulo, por que me persegues?” O homem, então, pergunta quem é que fala com ele e, assim, ouve pessoalmente “Eu sou Jesus, a quem tu persegues”.

Desse encontro revelador, Saulo levanta do chão. Seus companheiros de viagem podiam ouvir a voz, mas não viam nada, nem ninguém. De pé, ele abre os olhos, contudo, não consegue enxergar. Auxiliado pelos que consigo estavam, Saulo vai em direção a Damasco,

⁷ Conforme Atos 8.1.

⁸ O relato da conversão de Saulo encontra-se em Atos 9.1-19.



ISSN: 1983-8379

conforme a voz de Cristo lhe instruíra. Por três dias, nada come e nada bebe. Lá, encontra-se com o cristão chamado Ananias, que fora enviado por Deus para impor as mãos sobre Saulo e restaurar-lhe a visão. O discípulo de Damasco questionou a Deus, posto que a fama do perseguidor era tamanha, causando medo na cristandade. Obediente, o cristão dirigiu-se até Saulo. Ananias impôs suas mãos sobre ele e “lhe caíram dos olhos como que escamas, e tornou a ver”. É assim que Saulo inaugura seu novo olhar. A narrativa bíblica possui semelhanças com aquilo que Pedro Nava, em *O círio perfeito*, narra acerca da conversão de Murilo Mendes, sobretudo, no que diz respeito às visões, aos três dias em claustro e ao estabelecimento de um novo olhar.

Percebe-se que a gênese de um novo olhar e, conseqüentemente, o nascer de um novo homem, tal qual a narrativa bíblica, direciona o poeta para um apocalipse pessoal, para um momento final de revelação. A estrutura escolhida pelo poeta em “Meu novo olhar” lembra o percurso bíblico que se faz do Gênesis ao Apocalipse, associando-o ao próprio sujeito. Inicia-se o texto com a inauguração do novo, tem-se a condução e a experiência vivenciais por meio desse novo e, paradoxalmente, esse fôlego-gênese conduz o poeta para a consciência de sua morte. E essa noção de finitude não causa pânico no eu lírico, antes, fomenta-lhe a esperança da “integração do próprio ser definitivo”, assegurando sentido pleno e eterno à nova vida.

Fábio de Souza Andrade sintetiza o olhar muriliano que transparece em *Tempo e eternidade*, particularizando as propriedades do modo de observação do poeta. Essa síntese empreendida pelo pesquisador, que analisa a obra como um todo, permite pensar que o poema “Meu novo olhar” seja, justamente, o poema-síntese dessa nova cosmovisão que se instala no poeta e se traduz em sua poética a partir da experiência de conversão no velório de Ismael Nery.

Seu olhar organiza o mundo e dirige-se para uma nova ordem, enigmática, cuja dificuldade e raridade de formulação por si apontam para sua possibilidade remota, distante como as origens, apagada como as lembranças, viva por força da linguagem incomum. Daí que a morte, sob o crivo de suas imagens, apresenta-se como volta às origens, paraíso recuperado, libertação, que não quer dizer renúncia passiva a um mundo irrecuperável, mas radical intervenção salvadora nele próprio, e o poeta como um demiurgo em segundo grau, que defende a possibilidade da utopia e luta para que ela não quede completamente destruída no curso na história. Este aspecto da ideologia cristã tem maior peso em Murilo Mendes, é o momento afirmativo de



ISSN: 1983-8379

sua poesia, responsável pela gravidade confiante com que aborda os temas últimos da experiência humana. (ANDRADE, 2002, p.102)

O olhar convertido pelo encontro com o sagrado abre-se para enxergar em profundidade aquilo que cerca o sujeito moderno. Pode-se depreender que os olhos do poeta não cessam de ver. “Meu novo olhar” demonstra os diferentes movimentos do olhar poético.

“Meu novo olhar é o de quem já sabe / Que alegria e ventura não permanecem.” Esse primeiro movimento inaugura um tom consciente das tensões da vida humana que alude àquilo que Salomão preconizava no livro de *Eclesiastes*.⁹ Fica evidente a consciência da efemeridade da alegria e da ventura na vida humana, uma vez que esta é marcada pela sucessão de contrários, como assinala o texto bíblico.

Os versos “Meu novo olhar é o de quem desvendou os tempos futuros / E viu neles a separação entre os homens, / O filho contra o pai, a irmã contra o irmão, o esposo contra a esposa, / As igrejas dinamitadas, depois reconstruídas com maior fervor” parecem dialogar com as palavras escatológicas de Jesus Cristo no evangelho de Mateus, que no capítulo 10, versículos 16 a 23, narra o momento em que Jesus Cristo, profeticamente, fala da perseguição que sobreviria aos seus discípulos. Nos versículos 21 e 22, lê-se: “Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai, ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores e os matarão. Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo”. A revelação pessoal que o poeta recebe lhe dá condições de perscrutar o tempo vindouro, identificando o princípio de finitude que marca a existência humana pessoal e coletivamente. Igreja, nesse trecho, pode ser lida como uma referência à destruição dos templos por conta da perseguição à fé cristã ou, ainda, como a destruição da *Eclésia*, a Igreja formada pelas pessoas.

“Meu novo olhar é o de quem penetra a massa / E sabe que, depois dela ter obtido pão e cinema, / Guerreará outra vez para não se entediar.” A fé cristã propagada pelo poeta não se exime da responsabilidade de diagnóstico dos vícios da sociedade moderna. Nesse trecho, o

⁹ “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derribar e tempo de edificar; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria; tempo de espalhar pedras e tempo de juntar pedras; tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de buscar e tempo de deitar fora; tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de estar calado e tempo de falar; tempo de amar e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz.” (Eclesiastes 3.1-8)



ISSN: 1983-8379

poeta torna-se profeta, denunciando a cultura de massa que aniquila as bases da civilização, tornando-a belicosa. O tom crítico é marcado pelo uso da expressão “pão e cinema” em referência à política da Roma Antiga de garantir a estabilidade governamental mediante o uso de “pão e circo”. Para o p(r)o(f)eta, os homens continuam seguindo a lógica que mantinha o poder na Antiguidade e, mesmo assim – plena de pão e de cinema –, a humanidade insiste ciclicamente na guerra, como um ato de purgação do tédio que a assombra.

“Meu novo olhar é o de quem observa um casal belo e forte / E sabe que, sozinhos, se amam os dois com nojo.” A potência criadora de *eros* manifesta-se nesses versos demarcando mais uma percepção do mundo pelo eu lírico. O “casal belo e forte” observado ama-se “com nojo”. Nesses versos, o poeta parece brincar com o chavão das obrigações advindas com o casamento, posto que o casal é consciente das limitações que o amor matrimonial lhes obriga a experimentar. Talvez, daí venha o “nojo”, justamente, da convenção social do casamento que, aos olhos modernistas do poeta, é revistada.

“Meu novo olhar é o de quem lúcido vê a dançarina / Que, para conseguir um movimento gracioso da perna, / Durante anos sacrificou o resto do seu ser.” O poeta, com essa imagem, faz referência à graça e ao sacrifício. Palavras essas relevantes na teologia cristã. Na singeleza de uma dançarina e na precisão de seus movimentos, o eu lírico identifica uma cena que, plasticamente, tangencia o cerne da fé cristã, ou seja, a dispensação da graça divina sobre a humanidade foi possível mediante o gesto sacrificial de Cristo na cruz. A imagem da bailarina também aponta para o sacrifício do fiel como sendo um análogo menor do sacrifício de Cristo. Afinal, para a vivência da fé cristã, o homem precisa exercitar o sacro ofício pessoal. Além disso, a junção da imagem da criança e a do casal compõem o que se poderia chamar de espetáculo cotidiano: cenas banais que ganham projeção poética e nível reflexivo quando vistas pelo poeta.

“Meu novo olhar é o de quem adivinha na criança / O futuro doente, o louco, a órfã, a perdida.” O movimento do olhar do poeta, nesta etapa, é pessimista quanto ao futuro da humanidade. A criança tem um destino traçado e indelével. A ternura da imagem infante contrasta frontalmente com a brutalidade dos termos “futuro doente”, “louco”, “órfã” e “perdida”, gerando desalento e falta de perspectiva. Novamente, o poeta faz uso da habilidade de vislumbrar o tempo futuro, já expressa anteriormente no poema.

13



ISSN: 1983-8379

“Meu novo olhar é o de quem transpõe as musas de passagem / E não se detém mais nas ancas, nas nuças e nas coxas, / Mas se dilata à vista da musa bela e serena, / A que me conduzirá ao amor essencial.” Nesses versos, o poeta demonstra uma consequência amorosa e moral de sua aproximação com o sagrado, opondo o amor essencial ao amor sensual. A miragem casta empreendida pelo novo olhar expressa abdicação do olhar seduzido, negação das zonas erógenas femininas. A musa, elemento da tradição clássica, aparece como motivadora do amor, conduzindo o poeta a uma nova experimentação também nesse nível.

“Meu novo olhar é o de quem assistiu à paixão e morte do Amigo, / Poeta para toda a eternidade segundo a ordem de Jesus Cristo, / E aquele que mudou a direção do meu olhar; E o de quem já vê se desenrolar sua própria paixão e morte, / Esperando a integração do próprio ser definitivo / Sob o olhar fixo e incompreensível de Deus.” A potencialidade significativa dos versos finais de “Meu novo olhar” é marcada pela ambiguidade do termo “Amigo”. No contexto, ele pode se referir a Jesus Cristo ou a Ismael Nery. O poeta experimentou a contemplação de ambas as paixões e ambas as mortes. Ele também experimentou a mudança na direção de seu olhar mediante o testemunho firme de Nery e o encontro pessoal com Cristo. Esse olhar, portanto, relembra e prenuncia paixão e morte. E o prenúncio envolve o próprio sujeito enunciativo, vislumbrando seu próprio fim não com um tom lamentoso, mas antes na expectativa esperançosa de constituir-se plenamente enquanto sujeito que quer ser integralmente. Em todo processo de observação, tem-se um sistema observante e um sistema observado. Em “Meu novo olhar”, sugere-se essa alternância de posicionamento com o verso final. O poeta, inicialmente, posiciona-se como observante e, ao fim, revela-se observado. O jogo entre o tempo, esfera do poeta, e a eternidade, esfera divina, está proposto.

Conclusão

Em “Meu novo olhar”, Murilo Mendes apresenta, poeticamente, o resultado de um encontro com o sagrado e as consequências da permanência dessa relação em suas mundivivências. A experiência de conversão, narrada em detalhes nas memórias de Pedro Nava e identificada na ênfase religiosa que marca a produção muriliana posterior, influenciou



ISSN: 1983-8379

bastante o poeta que, em *Tempo e eternidade*, arrisca-se na tentativa de textualizar os seus encontros e percepções do sacro.

Todavia, os modos murilianos de representação do sagrado não se fazem convencionais, uma vez que divergem daquilo que está colocado pelo discurso religioso tradicional. O poeta traz a potencialidade questionadora modernista ao tratar da religião, construindo um percurso de antiteodiceia, interpelando Deus, aproximando imagens díspares ou tradicionalmente tidas como inconciliáveis, fazendo o que, nos seus próprios termos, pode-se chamar de boxear com a eternidade.

O vocabulário secular da religião ganha força semântica com a utilização que o poeta juizforano faz do léxico sacro. Os signos desgastados – talvez, tornados ruídos que afastam o homem moderno da mensagem religiosa em essência – são restaurados pelo toque modernista de Murilo Mendes que, pessoalmente, experimentou a redescoberta dessa linguagem, agora, motivadora de sua produção poética. A restauração e reativação do universo lexical religioso para os ouvidos dos homens de seu tempo fazem do poeta um arauto, um mensageiro daquilo que, pela vida e exemplo do amigo Ismael Nery, cativou-lhe e transformou a própria vida. O próprio Murilo torna-se mensagem.

Por vezes, surge a voz do p(r)o(f)eta que revela as limitações humanas e anuncia a plenitude divina, discerne o tempo e a eternidade, contrasta a gênese e o apocalipse e, nesse rol de opostos, elabora a noção do *religare* humano, revelando o contraste entre o profano e o sagrado, construindo sua visão poético-religiosa. Assim, Murilo Mendes inaugura, em seu texto, o *sermo nobilis*, discurso que se aproxima do bíblico nas suas formas de estruturação e enunciação, e este se contrapõe ao *sermo colloqualis* tão característico dos versos primeiros de sua produção. Todavia, nota-se que o poeta não quer formular respostas religiosas, pois sua apologética parece estar baseada, paradoxalmente, na problematização da religião.

Tal qual o apóstolo Paulo, no momento de conversão, os olhos antigos do eu lírico são cegados e, despedindo-se em escuridão, preparam-se para, ao recuperarem a lucidez, ver melhor o mundo que se descortina diante dos olhos que querem, de novo, contemplar pelo olhar. Assim, o eu lírico movimenta seu novo olhar em diversas direções, buscando reconstruir uma percepção do mundo, do outro e do eu. Essa percepção que se vai construindo estabelece um *modus vivendi* para o poeta que, semelhante ao Pregador do *Eclesiastes*, quer

15



ISSN: 1983-8379

se mover sabiamente na existência reinaugurada pelo encontro com o sagrado. Portanto, “Meu novo olhar” pode ser lido como poema-síntese da nova poética e da nova vida muriliana, fundadas pela relação do próprio poeta com o sagrado.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 2.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1962. p. 911.

ANDRADE, Fábio de Souza. Murilo Mendes e Jorge de Lima: Orfeu entre o tempo e a eternidade. In: *Ipotesi – Revista de Estudos Literários*. v.6, n.1, jan./jun. 2002. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2002. p.97-103.

ANDRADE, Mário de. A poesia em pânico. In: MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p.33-34.

BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira. *A trama poética de Murilo Mendes*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2000.

BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Cultrix e Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

CAILLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1988.

ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercúrio, 1992.

_____. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Livros do Brasil Lisboa: Lisboa, s/d.

MACHADO, Roberto. A linguagem literária e o de-fora. In: _____. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p.206-221.

MAÇANEIRO, Marcial. *O labirinto sagrado: ensaios sobre religião, psique e cultura*. São Paulo: Paulus, 2011.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MERQUIOR, José Guilherme. À beira do antiuniverso debruçado ou introdução livre à poesia de Murilo Mendes. In: _____. *Crítica 1964-1989*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p.137-147.



ISSN: 1983-8379

_____. Notas para uma muriloscopia. In: MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p.11-21.

NAVA, Pedro. *O círio perfeito*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

SILVA, Geysa. A teodiceia cristã e a religiosidade finisecular. In: PEREIRA, Maria Luiza Scher (org.). *Imaginação de uma biografia literária: os acervos de Murilo Mendes*. Juiz de Fora: UFJF, 2004. p.63-75.

STEIL, Juliana. *A figura do poeta em Tempo e Eternidade, de Jorge de Lima e Murilo Mendes*. Disponível em: <<http://www.alalite.org/files/chile2008/ponencias/Juliana%20Steil.pdf>> Acesso em 18 out. 2011.